

# A CHOLDRA

---

## Republicanos das esquerdas! Unir fileiras!

A canalha conservadora prepara-se para o ataque! A reacção política, religiosa e financeira ataca a República nos seus redutos!

**ALERTA!**

**ALERTA!**

A *Choldra* que quer ser e é a voz do povo republicano consciente, grita alto o seu brado de prevenção contra o perigo que se avizinha.

A *Reacção religiosa* invade o país ameaçadoramente semeando-o de congregações e de solenidades de falso aspecto de respeito para a Republica.

A *Reacção politica* assalta o regime tomando-lhe os mais dignos e fortes redutos — o *Mundo* está fechado por uma vergonhosa cabala do *visconde dos ananazes*, instrumento ignaro de estranhos designios.

A *Tribuna* do Porto fechada está, á ordem de um moageiro.

A' *Batalha* pensou-se o ainda se não desistiu de a assaltarem para que estas tres vozes defensoras da Liberdade não continuem a falar desvendando os planos, prevenindo o Povo e perturbando a digestão aos comilões da Republica e até aos seus *traidores*!

No *Parlamento* sufoca-se a voz das oposições negando-se a aprovação de uma moção fiscalisadora!

A *Reacção Financeira* tripudia sobre todos estes crimes; o Banco Ultramarino, á beira da falencia, rouba os pobres colonos das nossas Africas; o sr. *Alfredo da Silva* joga na sombra; ministros estrangeiros negociam á larga com a ruina do país e, na *Sociedade de Geografia*, onde se fez abertamente a defeza e propaganda do fascismo e da ditadura — trata-se mal, vaiando-o, um velho republicano — Jaime Cortesão!

Entretanto, republicanos sem mancha jazem no fundo do porão de um rebocador da nossa marinha de guerra!

A onda caminha avassaladora, unida, fortalecendo-se dia a dia, para o ataque!

Republicanos! Preparemo-nos para a defesa!

**ALERTA! ALERTA!**



# AS DEPORTAÇÕES

Não ha sincero republicano, dos que amam e prezam os seus principios de Democracia, que dê a sua aprovação ás deportações sem julgamento. Deportar em tais condições é condenar sem avaliar da culpa, é incorrer talvez no erro gravissimo de obrigar um inocente a expiar um dos mais peizados castigos.

Se numa monarchia constitucional semelhante abuso do poder provocava, pelo seu reaccionarismo, os protestos de todas as criaturas desempoeiradas, numa democracia tal abuso não é sequer admissivel. E, entretanto, éle cometeu-se já em plena Republica. E, entretanto, houve um parlamento constituído por uma maioria republicana que sancionou o abuso, desprezando assim, de uma maneira ignobil, o espirito da Constituição que tem por dever dignificar.

A Esquerda Democratica soube protestar contra a arbitrariedade, quando a policia, saltando sobre as suas atribuições, desprezando a magistratura portuguesa a quem incube a melindrosa missão de julgar, condemnar ou absolver, enviou para Cabo Verde e Guiné um punhado de homens, cujas culpas não foram apuradas pelos tribunais regulares. Os seus protestos não obedeceram a objectivos politicos. Pelo contrário, essa attitude nobre só provocou contra os republicanos da esquerda os odios mais vesgos e calúnias repugnantes, como a de estarmos defendendo a «Legião Vermelha». Os seus protestos eram absolutamente humanos, porque ninguem há que, pautando os seus actos pelos superiores interesses humanos, defenda um crime injustificavel. E as deportações foram um crime que ainda hoje se mantem para vergonha dos homens que governam esta Republica que melhor sorte merecia.

Não é em attenção ás ideas politicas ou sociais dos deportados que nós protestamos contra o abuso de que foram victimas. Se fossem monarchicos, o nosso protesto seria igualmente vibrante e ruidoso. E' em attenção ás nossas ideas, aos nossos principios democraticos que erguemos a nossa voz. E' por respeito por nós próprios que descordamos da absurda medida que atraiçoa a Lei e vexa a constituição da Republica.

Por identicas razões, por semelhantes e elevatados motivos, eis nos novamente a protestar contra a repetição do infamante abuso. Os homens que entraram na revolta de Almada estão sendo victimas do mesmo crime, como os operarios que neste momento sofrem o atroz exilio na Guiné e em Cabo Verde. Se a reacção contra o primeiro abuso tivesse sido mais poderosa, mais forte, talvez o sr. Antonio Maria da Silva não se atrevesse agora a repeti-lo. E se a moda pega, dentro em pouco os tribunais deixarão de funcionar porque um ministro mais ou menos barbado e um cabo de policia mais ou menos analfabeto tudo resolverão por meio de deportações. Acabar se-há com a maçada das audiências, dos interrogatorios, da inquirição de testemunhas, do juri e das sentenças, em harmonia com as leis do país.

Deixará a intelligência de regular a vida portuguesa para tudo se decidir pela violencia de um *casse-tête* e pela brutalidade do exilio.

E se os tribunais funcionarem de quando em vez, será por especial deferência para com os desordeiros conservadores, os unicos que alcançam ir, como qualquer cidadão, á presenca dum tribunal para se insultarem livremente um regime que tem a nobreza ou cobardia de absolvê-los.

Diz se, e com razão, que os povos possuem apenas os governos que merecem. Está nesta situação o povo portugues. E' éle que os elego, que os suporta com todos os seus crimes e abusos. Quando se resolverá a levantar a cerviz e a repôr as cousas no seu lugar? Quando se disporá, com sovera e firme consciência, a impedir que os principios democraticos, pelos quais tem dado o seu sangue generoso, continuem a ser enlameados por criaturas sem categoria moral que, para melhor praticarem os crimes, se pintam de republicanos?



*Sua Ex.<sup>a</sup> o Urso, no presente Carnaval, tira a mascara e mostra-se tal qual é!*



# O 18 DE ABRIL E VENDAS NOVAS

## A figura do sargento Pauleta, simbolo de uma classe

Neste coaxar de sapos sobre a agua estagnada do pantano miasmado da nossa vida politica; por sobre este rastejar de repteis asquerosos e nojentos que nos rodeiam a destacar-se de toda esta massa anonima dos que comem e querem comer; gritando alto, mais alto do que o ruído triturar da fraudulagem que impera; a figura, a allivez e a voz de uma das mais modestas figuras do ultimo incidente revolucionario, avolumou-se perante o país e ecoou vibrante de fé e idealismo—rara fé e raro idealismo— aos ouvidos de todos os que por aí andam sentindo ainda bater no peito um coração leal agitado pelo supremo e sagrado amor da Republica.



António Maria, protector do 18 de Abril, aplica o chicote de 9 rabos aos republicanos de Vendas Novas

Essa figura de homem do Povo, essa figura saída da *choldra*, da massa anonima, dos que amam a Republica e a defendem e nada querem nem lhe pedem, é a do valoroso sargento Pauleta.

Verdadeira alma da aventura, grandiosa nos annos revolucionarios, do arrastar a artilharia de Vendas Novas para uma revolução; o cerebro pensante e executor do rapido constituir de um comboio em poucas horas; o coração estuante de fé e alma disciplinada do acampamento de Almada; o sargento Pauleta mantém até final o prestigio do seu gesto e nobreza da sua attitude quando esclama para os seus soldados comovida e altivamente: «Rapazes, cabeça bem alta que não tem de que se envergonhar! Viva a Republica!»

E os galuchos marcharam orgulhosos do seu proce-

der vitoriando a Republica em nome da qual os prendiam—a elles que a queriam mais bela, mais pura—imaculada.

A voz do heroico sargento é bem a voz de uma classe amante da Republica e, pelos seus homens, espoliada e esquecida.

O brado e o gesto do valoroso revolucionario, não foram de um homem porque foram a de todos esses dignos, honrados e republicanos-militares que, ha pouco tempo, sofreram do governo Domingos Pereira, maneado pelo sr. Antonio Maria, a afronta de não lhes permitirem ter um representante no Parlamento roubando a eleição a Herminio Branco—o digno e bondoso Herminio Branco!

O gesto de revolta de Pauleta é a exteriorisação da revolta que, surdamente, mina e agita o coração dos sargentos portuguezes sempre amantes da Republica e, por isso mesmo, amantes e defensores da sua mais expressiva manifestação.

Mas o que mais nos choca na attitude de Pauleta, o que de mais impressionante tem varios e pequenos episodios do ultimo movimento é o que eles traduzem, a par de uma desordenada conduta, de radiante idealismo e de extraordinaria fé.

Militares e civis, sargentos e soldados, irmanam-se, igualam-se na hora da lucta como na da derrota.

Quando os separam, deixam-se amigos, deixam-se ficando ligados numa mesma esperança e certeza; de que o seu grito foi ouvido e terá ecco, de que o seu sacrificio não foi em vão e que outros, melhor organizados, mais fortes e mais serenamente chefiados, farão a obra que, revolucionaria ou não revolucionariamente, *tem de ser feita* para salvação da Republica, quer o queiram, quer não os que de dirigentes se acoimam!

Sim, choca-nos a fé e o idealismo desses homens. Fé que só existe nos movimentos marcadamente republicanos.

Choca-nos pelo contraste que facil nos é fazer, recordando o 18 d'Abril e os brados indignados e desprimozos para os chefes, saídos dos labios tristonhos dos soldados ao entrarem a Penitenciaria e da boca de alguns rapazes officiais, no gabinete do velho e honrado dr. Pires de Carvalho.

Aos de Vendas Novas, unia-os o amor á Republica.

Aos da Rotunda, nada os unia—nem mesmo o odio!

Os chefes em Almada, bons ou maus, eram republicanos e tinham fé.

Os chefes na Rotunda, um monarchico e outro republicano, eram maus e septicos.

E assim succede sempre quando, a guiar quem lucta, uma só bandeira se não ergue...



# A Imprensa em Portugal

A Inglaterra tem o *Times*, o órgão da sua grande actividade politica, financeira, commercial, industrial etc.. O *Times* é a propria Inglaterra, em letra de chumbo e antimonio, conversando severamente com os quatro pontos cardiais da Terra. O *Times*, mais que a propria folha official, legisla



*Só com a República manietada e amordaçada por falta de Imprensa, é possível o saque aos cofres publicos e o triunfo do estadista Antonio Marang da Silva.*

para todos os horizontes — para a Azia Inglesa, para o Canadá inglês, para toda a periferia das Africas. Os governos do Mexico ou do Afegistão, da grande America ou do minuscuro Luxemburgo, seguem de perto o *Times* com a comoção com que um crente desfolha a Biblia.

O mundo lê o *Times* com respeito porque duas linhas suas podem ferir o escalão do dollar, do franco, do florim, do escudo, da corôa, do peso; uma impaciencia, mesmo discreta, do *Times* pode arrazar governos; uma expressão solene de protesto pode abalar tronos.

O *Times* é invulneravel como uma fortaleza de aço, severo, quasi indiscutivel como uma divindade.

O *Times* é um dos grandes simbolos da imprensa — como elemento de força. E sendo assim o *Times* é impessoal. O mundo não decora o nome da empresa que á face dos codigos da propriedade lhe chama seu. Ninguém conhece os seus diplomatas, os seus politicos, os seus tecnicos.

Em rigôr, finalmente, o *Times*, sendo a Imprensa nas suas altas expressões, é a propria voz da Inglaterra, como ela, forte, respeitavel. Se amanhã a empresa que o possui quizesse dar a esse grande jornal uma feição que se não conciliasse com os direitos comuns da Inglaterra, a Inglaterra em pé de guerra conquistaria o *Times*, submetê-lo-ia como a um dominio que quizesse comprometer a unidade do imperio. Todos os países civilizados tem um jornal assim, de maior ou menor expansão, mas um jornal assim. Entre nós o caso muda de figura. Não temos um periodico que lá por fóra seja Portugal em letra redonda. O *Diario de Noticias*, nos bons tempos do Conde de S. Marçal e Eduardo Coelho e depois na sua primeira sucessão, podia considerar-se um órgão nacional fóra da politica dos partidos, eco das aspirações collectivas, venerando em seus costumes.

O «Noticias», porem, entrou na grande feira das coisas usadas. Vendeu-se ontem á moagem e vender-se-á amanhã ao sr. Antonio Maria da Silva com a mesma simplicidade com que na Feira da Ladra se vendem retalhos de pano velho e espadas ferrugentas.

A Republica cumpria vigiar de perto a vida desse grande jornal que podia e devia ser patrimonio moral da Nação.

O Governo, porem, ao que parece, vai proceder de forma contraria á conveniencia da nacionalidade. Ha quem pretenda adquirir essa incomensuravel força para servir interesses legitimos ou interesses inconfessaveis de um partido? Não tem financeiramente esse agrupamento um pataco falso? Não importa.

A Caixa Geral dos Depositos abrirá magnanimamente os seus cofres e o sr. Antonio Maria da Silva disporá do grande órgão para as suas clownescas exhibições politicas.

Evidentemente a força do grande diario diminuirá vertiginosamente, e a imprensa de Portugal verá enfraquecer-se até á falencia esse seu formidavel reduto

Os governos da França, da Inglaterra, da America, da Russia, da Belgica, os governos de todo o mundo e a sua finança e a sua industria e o seu comercio quando quizerem conhecer da situação portuguesa esitarão se devem consultar o «Diario de Noticias» ou «O Rebate» da Travessa da Agua de Flor.



# A Mulher Trabalhadora

Depois da grande guerra, as aspirações democraticas tornaram-se mais fortes em todo o mundo civilizado. A Sociedade das Nações que, dia a dia, se robustece, foi consequência dessas ardentes aspirações. E se ainda hoje não consegue resolver e decidir sobre todas as grandes questões de caracter internacional e humano, não é caso para descrermos da sua benéfica acção futura.

Uma repartição de caracter internacional existe agregada à Sociedade das Nações que já occupa bastante a atenção dos governos e dos dirigentes operarios e socialistas de quasi todo o mundo—é a Repartição Internacional do Trabalho. Embora combatida pelas falanges mais avançadas do proletariado, o que não podemos deixar de reconhecer é que algum s melhorias tem alcançado para o povo trabalhador. Os seus trabalhos de estatística sobre assuntos que directamente se prendem com o problema da produção são importantissimos e muito contribuem para esclarecer e facilitar a resolução de graves questões de caracter operario.

Apesar do muito que se prometeu no tempo da monarchia, o certo é que a Republica Portuguesa, mal servida de estadistas, pouco se tem preocupado com o bem estar da familia trabalhadora, que é afinal o seu melhor sustentaculo. O operariado tem dado tudo à Republica—a sua fé e o seu sangue. E a Republica tem-no esquecido. A legislação de caracter social que existe tem sido feita sem metodo, sem consciencia—o em regra não é respeitada escriptulosamente.

Seria tempo de começar-se a pensar na legislação operaria que em varios países da Europa, como na Tchecoslováquia, na Dinamarca ou na Suecia, onde as cla ses trabalhadoras gozam de direitos e regal as que lhes garantem

um bem-estar invejavel, é qualquer coisa de importante.

A vida nos «ateliers» e officinas ainda é um martirio, e o trabalho da mulher constitue, salvo honrosas excepções, uma exploração condonavel. Deveria principiar-se por cuidar com atenção das condições de trabalho da mulher que, fazendo honrosa excepção a um diploma do nosso amigo dr. José Domingues dos Santos, de protecção à mulher no periodo da gravidez, não são reguladas devidamente.

E apesar desse diploma, a mulher sofre nesse periodo em que mais devia ser respeitada, porque as autoridades não fazem cumprir a lei e cometem abusos condenaveis a que urge pôr cobro.

Em Africa o patronato põe mais carinho e cuidado no tratamento que dá às serviaes que trabalham nas roças. Em S Tomé, por exemplo, o periodo da gravidez da mulher negra é respeitado escriptulosamente, não só por uma questão de humanidade, como até pelo interesse que o patrão tem em que ela dê à luz crianças sãs, que mais tarde serão trabalhadores valiosos.

Aqui, na metropole, onde estes problemas deviam ser melhor compreendidos e estudados, os abusos do patronato são constantes. Porquê? Porque os governos, desprezando o espirito democratico que animou a propaganda republicana, esquecem que, sendo a lei igual para todos, os grandes devem ser os primeiros a cumpri-la.

Ora a Sociedade das Nações, por intermedio da Repartição Internacional do Trabalho, já tem chamado a atenção de varios governos para o respeito que a mulher produtora lhes deve merecer. E nós, portugueses, ainda havemos de passar pela vergonha de sermos chamados à ordem pela Liga das Nações.

Ficar-nos-á outro grande órgão de divulgação, outro jornal de tradições, publicação a todos os titulos importante—«O Seculo».

Mas se «O Seculo» foi um diario respeitavel sob a inspiração de Latino Coelho, de Elias Garcia, de Falcão, de Magalhães de Lima, arauto e precursor da democracia, amado da grande massa popular do país, pode hoje porventura invocar essas tradições honradas, ele «Seculo», que é agora não o órgão das grandes actividades portuguesas mas a corneta miseravel de quantos *brass-urs d'affaires* espreitam avidamente caminho para todos os negocios escuros que asfixiam o trabalho honrado, a actividade proficua da Nação? Oh! não. O «Seculo», caverna de ambiciosos, inspirado pela figura reles de um Pereira da Rosa que Trindade Coelho, individualidade abstrusa, cobre com o titulo de uma dinastia nobre,

é um jornal desonrado que em circunstancias nenhuma pode ser por esse mundo em fóra o heraldo da Nação.

Nestes termos supomos que a Republica pensará a serio no assunto visto como o assunto é mais serio do que á primeira vista parece. Que estrebuche «O Seculo na sua falencia eminente. Que se perca porque se não perderá grande coisa. Mas que o governo insista em roubar á Nação entregando a um partido o seu quasi unico órgão de defesa perante o mundo que mesmo assim nos conhece mal, não deve ser.

Não hesitem os governos da Republica porque o esfrangalhamento do «Diario de Noticias, em proveito transitorio de um partido a pulverisar-se, constituirá um caso de traição mais nocivo que a emissão das notas com a vera cara de Vasco da Gama.



## O P. R. P... monarquico

Como os leitores se devem recordar, realizou-se ha dias, nas Caldas da Rainha, o julgamento dos chefes monarchicos de Alenquer, acusados por republicanos da mesma terra. Os reus foram absolvidos e sobre isso nada queremos objectar. Mas não sômos capazes de resistir á tentação de demonstrar a fórma como o P. R. P. combate a monarchia!

Uma passagem de *A Epoca*:

«Agora os abraços, os parabens — de toda uma multidão imensa, frenética, nervosa, pela comoção, com lágrimas de alegria a scintilarem nos olhos, peitos arfantes...»

Depois... cá lóra, os vivas — os vivas aos reus, aos povos das Caldas e de Alenquer, ao dr. Antonio Correia, e... surdo, abafado, receoso, a perder-se na penumbra da noite, o eco de um triste viva á Republica.

Só um, ao qual nem o republicano dr. Antonio Correia correspondeu, certamente para não ter de suar outra vez.»

O que tem o P. R. P. com aquele viva á Republica, abafado, surdo, triste e receoso, ao qual nem o dr. Antonio Correia, que não é democratico, respondeu? — dirão os leitores.

Responde *A Epoca*:

«E, finda a recepção, os acusados, acompanhados de centenas de pessoas, dirigem-se á séde da Comissão Municipal do Partido Republicano Português — partido democratico — onde são recebidos pelo seu presidente sr. Campos Jardim, um velho republicano, que saúda os reus, felicitando-os pela justiça que lhes foi feita.»

E para que se não vá tomar como suspeita a correspondencia de *A Epoca* transcrevemos do insuspeito *Diario de Noticias*:

«Do tribunal dirigiram se, sempre acompanhados de grande numero de pessoas, á camara municipal, onde foram saudados pelo sr. presidente da comissão executiva, dr. José Saudade e Silva, tendo falado tambem os srs. Mario Jordão e Francisco Machado.

Dali seguiram para a administração do concelho, onde foram recebidos e saudados pelos srs. Carlos Silva, secretario da mesma administração, e Campos Jardim, presidente da comissão administrativa do Hospital Rainha D. Leonor. Mais tarde foram ainda recebidos no Recreio-Clube e na Associação Commercial.»

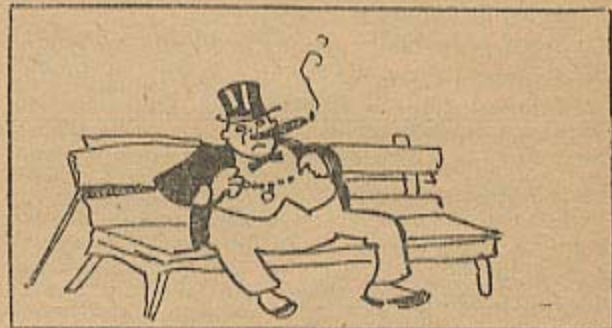
Quem ocupa as cadeiras do Municipio? Os homens que compunham a lista patrocinada pelo P. R. P. nas Caldas da Rainha. Da Camara, foram para a administração do concelho — a delegacia do poder central — onde foram aclamados.

Aclamados, os monarchicos, numa casa do Estado, num departamento da Republica, por um dos chefes democraticos do concelho — o sr. Carlos Silva, que muitas vezes tem exercido o cargo de administrador, e que é o secretario da mesma administração!

Isto é fantastico!

O sr. Campos Jardim, escrivão de direito, presidente da comissão administrativa do Hospital de D. Leonor, outro estabelecimento do Estado, e presidente tambem da comissão municipal do P. R. P., tambem os saudou!!! O que é isto? que outras miserias reserva o partido democratico para vexar o sentimento republicano?

Republicanos sinceros, afastem-se dêsse monturo de lama e sangue que impesta e vexa a Nação e a Republica, se não querem ser cúmplices da obra de traição que os seus dirigentes estão operando. E exasperam-se porque *A Choldra* disse que o P. R. P. já não tem republicanos! Ai fica a prova.



## Os três bancos nacionais:

- 1.º No banco da finança, o honrado banqueiro
- 2.º No banco da paciencia, o pobre Zé
- 3.º No banco dos reus... Ninguém!



# Os portugueses ao serviço do estrangeiro

Os «chulos» do patriotismo.—As traições à patria durante a guerra.—As informações da policia americana.—O 19 de Outubro.

Muitas vezes perguntam ao jornalista, sorrindo com ironia:

— Mas porque razão sabendo você a *verdade* — não a funde no chumbo das *linotypes* e não a exhibe no palco das gazetas?

E o jornalista que sabe a *verdade*, que sabe sobretudo, o difficil que é encontrar pavilhão para a expiar; que conhece por experiencia propria, o preço durissimo com que se paga a ousadia de dizer-la—encolhe os ombros e cala-se por pudor profissional.

Mas pode existir prenhês mais angustiosa como a do silencio obrigatorio para os que tem o *metier* da pregação das *verdades*? Mas, em compensação, que voluptuoso prazer o de *falar*, o de espetar o dedo e indicar, como uma flecha vermelha de labirinto, o verdadeiro caminho que conduz à verdade.

E já que me pedem «verdades»—elas aí vão.

Durante a guerra, que marchou lado a lado comigo pela estrada do jornalismo, visto que comecei a carreira em 1 d'agosto de 1914, por romanticismo, por intuição, por força de ambiente e por logica social, fui um francofilo ardente. Como aquele voluntario catalão a quem Gomez Carrilo perguntou as razões do seu alistamento no seu exercito francês, — eu batalhei na imprensa, esgrimindo a pena e fazendo dos artigos cartazes de propaganda. por *victor-hugulismo*. Ele era Victor Hugo, era Balzac, era Zolá, eram os poetas decadentes, era toda a civilização franceza, infiltrada na minha fantasia, que me semeava entusiasmos pela França. Folheando os meus *dossiers* de trabalhos publicados de 14 a 18, encontro centenas, milhares de clarins entoando hinos aos francezes.

Hoje, na calma em que alysei o meu espanto, a experiencia e a visão de oito annos de viagens; a aproximação dos paizes que nessa epoca desconhecia, modificou-me bastante. A França para mim continua sendo de facto o farol d'Alexandria dos latinos; a sua civilização reverbera com as mesmas luzes; o seu equilibrio social, a sua herança de arte, as suas belezas, as suas virtudes, os seus martirios, merecem hoje, como mereciam então, o mesmo respeito ajoelhado.

Mas o que eu então pensava dos outros paizes; o que eu então pensava da politica internacional è que já não se assemelha ao que hoje penso. E por isso mesmo fui alcuñado de germanofilo quando ha poucos meses, de regresso da Alemanha, desfiz calunias e ergui, no arco-voltaico da publicidade «verdades» lisongeiros para os paizes vencidos, para os paizes que foram, ha quatro annos nossos inimigos de guerra, como a França o tinha sido ha um seculo—e que na neutralidade e na paz actuais devem ser vistos sem resentimentos em odios.

E vamos á essencia do artigo.

segundo o que vejo e o que sinto, mereço dos profissionais e os chulos do patriotismo a zagaia envenenada dos criticos; porque razão esses mesmos patriotas abafam e occultam o que «portugueses, em tempo de guerra, no tempo em que eu, entusiasmado, rufava os tambores à volta da guerra, fizeram na pratica e dos mais inconfundiveis crimes de traição, de espionagem?

O novo-riquissimo lusitano datado d'essa epoca não foi, na sua grande maioria, parido apenas pela exploração dos exercitos, não foi germinado com o sangue dos que em França atapetavam as terras por onde as avalanches alemães passavam. As grandes fortunas da guerra proveem da ligação com o inimigo, proveem da traição, da informação secreta, do forneamento de submarinos alemães. E, curiosa coincidência, são precisamente esses «patriotas» os que ainda hoje, oito annos após a suspensão de batalhas, nos buzinam os ouvidos com a sua intransigencia patriotica.

Tenho em meu poder, fornecidos pelo Deus do Acaso que tanto favorece os *reporters*, varios apontamentos e papelada varia, do espolio dum agente que em tempos pertenceu à policia inter-aliada em Lisboa, chefiado pelo almirante Black. Que de crimes desfilam por esses papeis! Que de mascaras caem, na indiscreção d'aquellas revelações! Que de firmas «honradas», que de patriotas foram então sujeitos à vigilancia dos detectives americanos e deixados em liberdade, por prudencia, uns; e por espezteza, outros! E se outro iman não possuísse para atrair «verdades»; se outro *elecrome* não houvesse para me conduzir por esses subterraneos, bastava a questão dessas libras falsas, jorrando e espelhando reverberos doirados pelas consciencias, burlando os burlões, para que os ferrolhos do misterio se abrissem ante a minha irreverente bisbilhotice.

Mas ter-se-ha esfarelado essa obra nefasta, ao se-car-se, no horizonte, a ultima mancha vermelha da guerra?

Não! Essa obra surda, essa obra gulotona, secreta, sem pensamento a unifica-la, dispersa, individual, dirigida apenas pela ambição reles—prosegue, luminosa, cortando carne e alma à sua passagem. Essa obra que teve um apogeu por detraz do 19 d'Outubro; essa obra que não era a dos revolucionarios; essa obra que foi a mola que expeliu para o crime os «dentes de ouro»; essa obra que atraiu ao Tejo esquadras estrangeiras; que estabeleceu luctas protocolares para o comando supremo d'essas esquadras, entre os almirantes que as comandavam; essa obra que colocou na banqueta do automovel d'um agente estrangeiro, um marujo armado d'essa mesma nação—será tacteada, revelada, transparentada. E então veremos, nesta guerra de pedradas, quais são os telhados de cristal...

E começo repetindo: se eu, assinados os tratados da paz, em campo de neutralidade e liberdade, no uso pleno dum direito, aprecio e descrevo os outros paizes



# A CAMARA DOS DEPUTADOS OU O SOLAR DOS BARRIGAS

O que se passou na sessão de segunda feira ultima na Camara dos Deputados, é simplesmente vergonhoso, degradante. O illustre deputado sr. dr. Pestana Junior, sub-leader da Esquerda Democratica, usando da palavra a proposito da proposta de lei sobre o Banco Angola e Metropole, apresentou a seguinte moção:

«A Camara dos Deputados considerando que, qualquer que seja o Governo, está garantida a marcha regular e segura das investigações acerca do caso do Banco Angola e Metropole pela nomeação de magistrados judiciais munidos dos mais extraordinarios meios de acção e que exercem as suas funções com inteira independencia e liberdade, afirma o proposito não só de não abdicar das suas faculdades constitucionais de ampla fiscalização e critica de todos os actos do Governo, mas ainda de não recusar em qualquer tempo a aprovação de medidas que venham a reconhecer-se necessarias á completa liquidação do caso do Banco Angola e Metropole».

Esta moção que nada tinha que impossibilitasse o Partido Democratico a não a aprovar, foi rejeitada *in limine* pela maioria.

Quis o sr. dr. Pestana Junior com a moção marcar o ponto de vista da Esquerda Democratica na burla das notas de 500 escudos, repellido a coacção que o sr. Cunha Leal queria impôr á camara, que sendo uma injuria para esta, o era tambem para os magistrados que estão procedendo ás investigações. Não o entendeu assim o Partido Democratico que, por esta forma, manifestou o seu proposito de não fiscalizar os actos do governo do sr. Silva.

Esta da maioria democratica não confiar em mais nenhum governo a marcha regular e segura das investigações, é não só uma suspeição lançada sobre todos os outros agrupamentos politicos, mas tambem aos outros nomes presidenciais do mesmo partido. De facto, só um homem em Portugal é capaz de fazer politica com essa monstruosa burla, — esse homem é o sr. Antonio Maria da Silva.

O que a maioria democratica fez, é bem proprio do partido que ha quinze anos, vem vexando o sentimento republicano, atropelando todos os outros partidos, não deixando governar quem deve e quem pode, e nem querendo já, sequer, fiscalização.

A Camara dos Deputados acaba pois de se

transformar no Solar dos Barrigas, onde a maioria, á vontade, pode, sem opposição, tripudiar sobre o País.

Querem livremente defender o Banco Nacional Ultramarino ferindo os legitimos interesses daqueles que, durante largos anos, sacrificaram a sua vida nas inhospitas plagas africanas.

Em vista da attitude da maioria resolveu a Esquerda Democratica abandonar os trabalhos parlamentares enquanto se discutir essa proposta, deixando-a livremente a servir a sua larga clientela.

Até quando é que essa bonzaria infame, estúpida, sem sentimentos patriótico e republicano, nos afrontará com essas e outras attitudes?

---

## A côrte do sr. governador...

○ sr. dr. Barbosa Viana, S. Ex.<sup>a</sup> o sr. Governador, tem, era natural que tivesse, mal parecia mesmo que não tivesse, a sua côrte; são 37 secretarios, dos quais, dois servem de pagens.

Reproduzimos parte da lista:

Dr. Teixeira Pinto; dr. Sousa Carvalho, juiz; Camilo de Oliveira (como se prestou Camilo de Oliveira a tal?); o sr. Peralta, funcionario publico que, pelo apelido, honra a peraltice do sr. governador; Robalo Alves, continuo; tenente Fonseca; Costa Santos, penhorista; os dois pequenos um, filho do sr. Arcanjo Teixeira e outro de Augusto Ribeiro, etc., etc.

Os dois ultimos, bem entendido, são os pagens.

37 nem menos!

Faustosa côrte!...

---

## Uma prisão

○ sr. Jorge de Carvalho prendeu Armando de Azevedo. Este, que tambem foi preso no tempo de Sidonio Pais, não se admirou. Por nós, esperamos a altura em que Armando de Azevedo prenda o sr. Jorge de Carvalho e... tudo ficará certo.



# Factos e Comentarios

## Sem limites

Causou profunda sensação o eco que, sob este titulo, publicamos no nosso ultimo numero. Acrescentamos-lhe que um despacho, de bem mais lata margem para emissões de notas, existe e de autoria do sr. *Inocencio Camacho* quando ministro das Finanças.

Foi neste caldo de criminoso descalabro politico-financeiro, que se mutiplicaram os germens agentes do crime de traição á Patria chamado do *Angola e Metropole!*

Ha, pois, que castigar com os maiores rigores da lei os criminosos de hoje, mas ha tambem que enaltecer os factos passados e pedir responsabilidades aos que tornaram possível a defeza de um tal crime, para que não tenha justeza de applicação a sangrenta *blague* que pelos cafés corre tranformando o nome do chefe do governo em *Antonio Marang da Silva...* e o do sr. *Inocencio Camacho em Inocentos... de notas falsas... Cá m'ácho chtio...*

## A «grande crise»

Com este titulo publicamos, no nosso ultimo numero, um artigo de analyse á vida das organizações operarias em Portugal.

Quiseram muitos ver nesse artigo a intenção de ferir pessoas ou atacar aqueles organismos.

Não tivemos nem um nem outro intuito. A classe operaria, alma da *choldra*, *choldra* toda ela, merece nos o maior carinho e respeito — quizemos somente dizer algumas verdades amargas talvez, mas justas, oportunas e amigas.

Nada mais,

## A tempo

No final de um daqueles amontoados de frases incompreensíveis, que o bonzo-mor deste Reino costuma pronunciar, e a que os democraticos resolveram chamar discursos, o ilustre deputado da esquerda democratica sr. Carlos de Vasconcelos, dirigindo-se-lhe, disse-lhe:

«Em resumo, — o programa financeiro do governo limita-se à aprovação dos orçamentos e o programa politico à eliminação de Martins Junior.»

E a um aparte do Presidente do Ministerio que se não percebeu:

«A fotografia atravez os corpos opacos sem aparelho é mais facil, do que compreender o que V. Ex.<sup>a</sup> diz.»

## Serão os mesmos ?

Ha anos a Camara Municipal do Porto penso em fazer um contrato com a empresa exploradora das minas de S. Pedro da Cova, para

essa empresa fornecer energia electrica à cidade invicta. Levada a questão ao Senado Municipal pela sua comissão executiva, um houve que, aplaudindo entusiasticamente a ideia, entrou a fazer exigencias que os seus colegas viram logo serem inaceitaveis por parte daquela empresa.

Passado pouco tempo veio a saber-se que esse vereador era advogado dessa empresa que, como é de prever, lhe não convinha o contrato com a Camara, tal qual ela o desejava. Novamente a questão foi levada ao Senado, e aí foi o referido vereador impiedosamente atacado por todos os seus colegas. O vereador dr. Santos Silva afirmava por toda a parte que, ou aquele seu colega se afastava da Camara ou ele Santos Silva o corria a ponta pés. O vereador em causa saiu, e, na Camara e na cidade, afirmava-se que a empresa exploradora das minas de S. Pedro da Cova tinha pago os seus serviços, na Camara, com 80 mil escudos.

Veiu a guerra, e as minas foram mobilizadas, e, quando o Estado tomou conta da escrita, verificou-se que, dos seus livros, tinha sido arrancada uma folha da qual constava o pagamento daquela quantia. A tudo isto se referiu largamente a imprensa do Porto, nessa epoca.

O vereador cujo nome temos occultado até agora, era o sr. dr. Marques Guedes.

Sucede porem, que do actual governo fazem parte dois homens muito em evidencia na capital do Norte: — são eles, os srs. drs. Santos Silva, ministro da instrução e Marques Guedes, ministro das finanças.

Como os nomes são iguais aos dos vereadores a que aludimos e que intervieram na questão com as minas de S. Pedro da Cova, ousamos perguntar:

Serão os mesmos ?

## Transições

Aos colegas de imprensa que, amavelmente e por concordancia de principios que nos honra, tem feito transições de artigos publicados n'*A Choldra*, agradecemos as elogiosas referencias com que as tem acompanhado.

## Galhas

Cairam impiedosamente sobre o segundo numero de *A Choldra* estes corvideos, tendo feito varios estragos. Onde, porém, se fez sentir mais a sua acção foi no artigo sobre o ministerio do Trabalho. Assim, no segundo periodo onde se lê «landatarios» deve ler-se «laudatorios». Nesse mesmo periodo escrevemos «jovem secretario» e os tipografos compuzeram «porem secretario.» A' entrada do terceiro periodo, a revisão deixou passar um «assumi» em vez de «assumida» e, muitas outras que, como estas, a intelligencia dos leitores corrigiu.





Carlos de Vasconcelos

# “A Choldra” no Parlamento

## O caso do Angola e Metropole e o problema colonial

*Dos discursos parlamentares da semana que findou, foi, dos mais notáveis, o proferido pelo deputado sr. Carlos de Vasconcelos, determinando a posição da Esquerda Democratica perante o “Angola e Metropole” e o problema colonial. Et-lo:*

*Sr. Presidente:*

Numa das ultimas sessões, quando usou da palavra o illustre *leader*, do Partido Nacionalista, o sr. Cunha Leal protestou contra a forma como eram apresentados nos jornais os parlamentares que eram chamados a prestar declarações perante o juiz investigador do caso Angola e Metropole.

Apresentou S. Ex.<sup>a</sup> o seu protesto em nome do Partido Nacionalista; porem, devo dizer a V. Ex.<sup>a</sup> que souo me mal esse protesto porque deste lado da Camara diversos deputados foram chamados a depor e não julgamos azado o ensejo para lavrarmos qualquer protesto, tanto mais quanto é certo que a Camara nos levantou as imunidades parlamentares e julgamos absolutamente indispensavel que todos prestem as necessarias informações, no sentido de se apurar toda a verdade.

Quando pedi a palavra nesse momento, sr. Presidente, era com o intuito de fazer algumas considerações em nome da Esquerda Democratica, porem, essas declarações já foram aqui feitas, e brilhantemente, pelo illustre Deputado sr. dr. Pestana Junior, limitando-me, porem, eu a fazer umas ligeiras considerações sobre o assunto.

**NINGUEM DA ESQUERDA DEMOCRATICA ESTA' ENVOLVIDO NO CASO DAS NOTAS FALSAS.**

Não tenho, sr. Presidente, o menor receio de que qualquer membro da Esquerda Democratica esteja por qualquer forma envolvido no caso Angola e Metropole, porém se o estiver o nosso desejo será que a justiça seja a mais rigorosa possivel contra esse membro, que desde esse momento deixará de pertencer ao Grupo Parlamentar da Esquerda Democratica. Desejo apenas sr. Presidente fazer umas ligeiras considerações sobre o facto em si, e sobre as apreciações feitas pelo illustre *leader* do Partido Nacionalista, relativamente ao problema nacional, assim como a algumas afirmações aqui feitas pelo illustre Deputado o sr. Soares Branco, cuja estreia que aqui fez foi na verdade brilhante, representando uma honra para o Parlamento e para mim especialmente, visto S. Ex.<sup>a</sup> representar aqui a provincia que me foi berço...

**O SR. CUNHA LEAL QUERE GRUDAR AO PODER O SR. ANTONIO MARIA DA SILVA.**

Sr. Presidente: o illustre deputado *leader* do partido nacionalista sr. Cunha Leal, arremessando sobre todas as posições uma coacção inaceitavel, quiz grudar o sr. Antonio Maria da Silva, ás cadeiras do Poder, com o caso do Banco Angola e Metropole. Não acei-

tamos semelhante coacção! A esquerda democratica com serenidade, com patriotismo e com altivez, tem procurado exercer, aqui, a sua acção de forma a que lá fóra não possa ser a sua attitude apodada de irreflexão ou de revolta permanente. No entanto ela não pode aceitar de modo nenhum a situação de não procurar afastar das cadeiras do Poder o actual governo que nada faz, sob a coacção de poderem alcunha-la de cúmplice do caso Angola e Metropole. *Apoiados.*

Mas o *leader* nacionalista não exerceu apenas uma coacção sobre nós. Exerceu tambem uma outra absorção, invocando o perigo das nossas colonias pela absorção delas por capitais estrangeiros.

E' preciso que se desconheça o meio colonial para afirmar que os capitais estrangeiros procuraram a todo o momento apoderar-se das nossas empresas coloniais, pois a verdade é que em todas as nossas colonias ha a rarefacção de capitais. Capital português não ha e o capital estrangeiro afasta-se. Se neste momento palavras sobre Angola o perigo da concorrência absorvente de capitais estrangeiros, deveriamos ter as maiores cautelas em examinar todos os fenomenos dessa intromissão de capitais e nunca deixarmos-nos apoderar de nervosismos que nunca servem bem os intuitos de uma acção proficua.

**A SITUAÇÃO DE ANGOLA E A INFILTRAÇÃO DE CAPITAES ESTRANGEIROS.**

O problema de Angola, digo-o mais uma vez, é duma delicadeza extrema. E' preciso olhar para ele com grande serenidade. A intromissão de capitais estrangeiros na nossa colonia que até ha pouco era apagnio da colonização portugueza, não deve ser proibida. O que deve ser é bem fiscalizada no sentido de se saber a sua origem e os intentos dessa intromissão e tambem de se conhecer a zona de influencia de que esses capitais queiram apoderar-se.

Temos que vêr com a maior cautela, ponderação e patriotismo se esses capitais procuram instalar se em empresas em que pela proximidade de colonias de nações estrangeiras, possa haver o perigo de absorção politica e não somente economica.

Cláro que os capitais alemães em Angola, apesar do imperialismo alemão estar decadente, não podem agradar-nos, não pela Alemanha em si, mas pelas ligações que existem hoje entre os alemães e as suas antigas colonias. Mas é a afixação de capitais alemães em determinadas Empresas que nos deve preocupar exclusivamente? Não!

**O TEMEROSO PERIGO DAS CONCESSÕES.**

Sem nos termos apercebido do facto, o caso é que



os alemães teem-se apoderado do commercio de Angola. Nesse ponto o perigo é maior do que a colaboração de capitais alemães em Empresas diversas.

Referiu-se o illustre *leader* do partido nacionalista nos capitais italianos. Tenho muitas duvidas sobre se esses capitais se prestam a collocarem-se em Angola. Mas seja como for, a verdade é que as altas esferas do Estado devem fiscalizar a maneira como se fazem concessões. Ha dias um jornal falava de uma concessão de 150 mil hectares de terreno, feita a uma companhia italiana. Não tenho dados para me fixar na certeza de que tal concessão tenha sido realmente feita, mas tambem não tenho duvida sobre a possibilidade dela se ter dado. Não será a unica. Teem-se feito mais isto é mais grave do que a intromissão de capitais alemães em quaisquer Empresas estabelecidas em Angola.

Sei por exemplo de uma concessão feita—cem mil e tantos hectares—pelo sr. Norton de Matos, a uma Companhia situada no *enclave* de Cabinda.

Constou-me ultimamente que essa Companhia vai ser financiada por capitais belgas. Reputo este facto da maior gravidade e comigo estarão todos que conhecem as pretensões belgas e os esforços tortuosos que teem sido feitos para evitar que a acção portugueza se exerça sobre as margens do Zaire.

Todos que conhecem o problema colonial devem sentir-se preocupados com este caso. Eu desde já chamo para ele a atenção do Governo.

Como ele reveste um caracter patriótico, não posso deixar de desejar que o Governo proceda com todas as cautelas, com toda a ponderação e com todo o patriotismo.

#### MAIOR DO QUE TODOS AVULTA O PERIGO «PORTUGUÊS»

Sr. Presidente: Seria muito longa a enumeração dos perigos que envolvem o nosso dominio colonial, mas indubitavelmente ha um perigo maior que todos: o perigo «portuguez».

O fermento de indisciplina, de anti-patriotismo que principalmente em Angola se está manifestando, não é mais do que uma modalidade do perigo a que eu chamo «portuguez».

Tive conhecimento—e creio que toda a gente o teve—que, em determinado comicio, funcionarios publicos portuguezes apelaram para a Sociedade das Nações contra a acção da metropole nas colonias. Não me consta, sr. Presidente, que o procedimento anti-patriótico desses homens tivesse tido o correctivo que se impunha.

Supõe-se, e toda a gente o grita, que em Angola a opinião publica é formada por elementos aí existentes, que aí nasceram, que aí vivem. Puro engano. A opinião publica na colónia é formada pelas massas do funcionalismo que a Metropole para lá manda (*apoiados*). Desde que esses funcionarios se manifestam pela forma que citei, na energia daqueles que dirigem na sua ponderação encontrar-se-ha sem duvida o remedio salutar a opôr a este estado de coisas.

E' frequente gerar-se aqui na metropole um extremo nervosismo ao lerem-se certos telegramas alarmantes que das colonias nos chegam.

E' bom, sr. Presidente, que controlemos bem a origem desses telegramas e ponhamos sempre uma grande reserva nos nossos juizos, pois, em geral, são meia duzia de individuos que, em nome de associações se dirigem á metropole, exagerando determinada situação, procurando embrulha-la, para com essa escuridão lançada sobre a questão poderem mais facilmente servir os seus interesses. Ainda ha dias um telegrama dirigido ao sr. ministro das colonias, queixando-se de determinado governador, vinha assinado por um vendedor de macacos, porque aqueles que promoveram esse protesto não conseguiram encontrar ninguém de categoria que o assinasse. Este telegrama produziu na metropole a repercussão que desejavam aqueles que o enviaram e que não tiveram a ombridade de arrostar com as responsabilidades dele.

Ha um ponto importante que eu desejava versar, o da politica do petroleo e a sua repercussão em Angola, mas não quero alongar-me mais, sr. Presidente, porque vejo bem que a Camara não interessa este assunto. O paleio, a conversa é muito mais agradável do que as questões que tanto interessam á nacionalidade.

Ao terminar faço apenas os meus votos para que a Câmara se interesse mais pelos assuntos coloniais do que até agora tem feito. Tenho dito.

## UM NOME

Continua o nosso pobre, feroz e alucinado dr. Eduardo de Sousa naquele triste e patologico estado que já lhe fez gastar algum dinheiro, muita tinta e algumas paginas no republicano *Diário da Tarde*, de Lisboa, a gritar *urbe et orbi*, que o modesto signatario desta resposta nada tem com a sua empavonada pessoa. Terça feira, não contente já com as impertinentes declarações que vem fazendo ha tempos, o sr. dr. Eduardo de Sousa procurou fazer graça á minha custa.

Que o sr. dr. Eduardo de Sousa faça gratuitamente o reclamo da *Choldra* que dirijo, está certo. Que tenha de lhe aturar por mais tempo a rabujice é que não.

Por isso mesmo quero afirmar ao meu pobre omonimo, ex-redactor principal de um jornal monarchico, ex-revolucionario do 31 de Janeiro, ex-aderente á Republica depois do 5 de Outubro (o Sousa velho é bailão...), ex-deputado, ex... muitas coisas e creio mesmo ex Eduardo de Sousa, o seguinte:

Na minha certidão de baptismo figura só o Eduardo e o Sousa que me servem de assinatura.

Só por isso os uso, visto que só me prejudica a confusão que o sr. doutor pretende usar para seu reclamo. Porquê?

1.º—Porque tenho 26 anos e o meu omonimo, crelo, que sessenta e oito e meio. Para as mulheres, isto da idade é grave.

2.º—Porque do sr. dr. Eduardo de Sousa se sabe muita cousa e *se diz e escreveu* tanta cousa que chega da casa n.º 1 da rua dos Tintureiros, no Porto, até á Brasileira do Chiado, em Lisboa!

E isto tambem é grave—porque de mim, *nem se diz*.

Fica, pois, assente que não desejo confusões que para desejar não são.

Continuarei a assinar, como até aqui, *Eduardo de Sousa*, esperando não ter que recordar—narrando porque ao viro não vale a pena—*ao meu omonimo* o episodio da subida do velho e honrado republicano dr. Nunes da Ponte á redacção do *Diário da Tarde*, do Porto... Uma unica cousa eu invejava na vida jornalística do dr. Eduardo de Sousa: os seus artigos de fundo na *Republica* atacando a ditadura de Sidonio Pais. Pois esses mesmos, esses belos artigos, essas lindas penas com que o meu omonimo se enfeita, não lhe pertencem—são propriedade e da autoria do meu querido, illustre amigo e correlegionario Nóbrega Quintal, que deste *inocente furto* se queixa.

Nem isto...

EDUARDO DE SOUSA.

Ha que apertar os laços de solidariedade entre Portugal e as colonias. Os seus mercados devem ser os nossos. A sua lingua deve ser a nossa. E perante a sua produção—que é nacional—abatamos nobremente todas as barreiras alfandegarias.

José Domingos dos Santos



# A Choldra nas prisões em 1918

Aquela noite um frio de pavor gelara a gente no fundo dos calabouços sombrios.

Era no inverno, em Dezembro, depois da morte de Sidonio Pais, e desde a meia tarde que, de minuto a minuto, num ruído lugubre e chocante de chaves pesadas a baterem umas nas outras, de imprecações, de gritos, de berros, que dir-se-iam uivos, a porta de acesso ás prisões se abria para dar passagem a mais um republicano preso, coberto de feridas, gotejando sangue, estremeando de dor, espumando raiva.

As enxovias tinham já dez vezes, pelo menos, o numero da lotação. Na tarimba para nove deviam dormir quarenta, oitanta, cem pessoas. Os que não preferiam entoscar-se, feltos cães, no lagedo frio e molhado como a rua, esperavam áleria, de olhos febris, que algum companheiro despertado lhes cedesse o logar. Outros, mais do que o sono, estimulavam o ar das grades, que, morno e pestilento embora, sempre tinham por melhor que o do fundo dos calabouços, sempre tenebroso, e faziam prodígios para aspirá-lo longamente na ilusão de que bebiam um pouco o ar da liberdade—tão doce que devia ser aquela tarde, lá fora!—e de que sobre o governo civil, negro e frio, muito em cima, muito alto lhes sorria e os chamava um retalho do azul claro que era a luz, que era o sol, que era a vida. E as grades, como as tarimbas, disputavam-se, conquistavam-se, obtinham-se, ás vezes, á custa de esforços porfidos.

A população das prisões crescia de hora para hora. O numero de feridos, espancados pela policia, no pateo do governo civil, era cada vez maior. Ao ruído dos cavalos marinhos, retalhando as carnes, juntavam-se os gritos lancinantes dos feridos, as pragas dos policiaes bebados de sangue e de vinho.

Estou vendo aquele homem que entrou de manhã para o calabouço em frente do meu. Vinha sereno, tranquilo, quasi alegre. As horas, porém, passaram e o numero dos seus companheiros de enxovia aumentou. Já eram cincoenta, já eram oitenta, já eram cem.

Vejo-o aproximar-se das grades, vejo-o disputar um lugar nas grades, vejo-o subir pelas grades, aflito, rôxo, sufocado, exausto. A sua expressão fisionomica, numa tela, daria a imagem do pavor. Nunca mais o esqueci, meu pobre companheiro, que não tinha 20 anos, como eu, e era por ventura um asmatico, quem sabe se portador de uma doença grave!

Tenho tudo ainda nos meus olhos extaticos e na minha memoria, á distancia dos anos, nos meus ouvidos diria melhor, conservo bem distintos todos os ruídos dessa hora sombria e até aquele ruído de quando não se ouvia nada e que era só o bater dos nossos coraçãoes.

Vejo ainda. Oiço ainda. O ferido que entra empurrado por um policia e a quem nós damos o melhor logar da tarimba, para descansar o corpo dorido. A porta que se abre—mais um! mais um!—um conhecido, um amigo, um irmão, que vai pagar o seu crime de ser republicano. E ha um cão que, aticado pela policia, morde nos presos depois de bem chicoteados. Ladra, ladra, ladra.

Mas vem a noite e com ela todos aqueles ruídos—a porta abrindo-se e fechando-se, o cão a ladrar, os feridos gritando—cresciam, avolumavam-se, multiplicavam-se, mais do que os ouvidos, penetravam-nos a alma.

Dentro dos calabouços já nem se ouviam as queixas dos feridos. Um silencio tragico caíra com a noite, no fundo das enxovias.

Subitamente, porém, um calabouço movimentou-se, alvoratou-se. La do escuro, enquanto os policiaes soavam os presos no pateo, partem gritos, cada vez mais altos, de indignação, de revolta, de raiva. Quem provocava assim, corajosamente—e porque não dizer heroicamente?—a brutalidade, a colera, a raiva da policia?

Era o calabouço das mulheres.

Está perto do meu, lembro-me bem. Através das grades estreitas vejo as filhas do alcool, da miseria, do vicio, da rua. E' o que ha de mais baixo na vasa dos caminhos. E' a rua do Capelão, são as travessas humildes do Bairro Alto, o que a Mouraria tem de mais sordido.

E' a prostituta e a ladra. A que já andou pelo degredo e a que vai para lá. Não é sequer a flor de lama, sensual e gracil. E' a propria lama. Ante os meus olhos passa um saioete vermelho e um rosto tristemente comico, onde a sífilis e o alcool marcaram dedadas indeleveis, que quando quer sorrir só tem esgares.

Estão aqui numa enxovia ao lado da minha. Ah! Mas dentro delas ainda não morreu tudo. A doce piedade das mulheres!

Quando os policiaes batem nos presos da Republica elas comovem-se, indignam-se, revoltam-se. Ha já mais gritos a avolumarem os gritos dolorosos dos martires. São os das mulheres que, na treva do seu calabouço, insultam os policiaes.

E na noite alta, no casarão sombrio, dominando a dor e o odio, dominando todos os ruídos, acima de todos os gritos os seus gritos tem alguma coisa de grande:

—«Bandidos, baterem nos pobrinhos!»

—«Canalhas, baterem em quem está preso!»

—«Assassinos! Malandros!»

—«Malandros!»

Só ellas não tem medo. Vem a preventiva toda junto do seu calabouço. Ameaçam-nas. Um heroico official da policia, em pessoa, quer metê-las na ordem. Tem diante dos olhos chicotes e espadas.

Mas o seu coração, cheio de piedade, só ouve os gemidos dos espancados e tudo o que ha de bom dentro delas se expande nas imprecações que a indignação lhes faz gritar:

—«Canalhas! Assassinos! Malandros!»

Os homens estão silenciosos, calados, petrificados. A revolta de nada serve aos companheiros agredidos no pateo. E quem se livra ali de ter a sorte deles?

Só ellas, indiferentes ao perigo, insensíveis ás ameaças—outra vez mulheres, quando já eram apenas lama—corajosamente, clamorosamente gritam o seu protesto que representa ao mesmo tempo (ai de nós!) a nossa unica protecção:

—«Malandros! Malandros!»

E veio a manhã. Uma claridade tenue coa-se através das grades. Agora é que vejo bem os feridos, o sangue que corre—o cão ainda ladra lá fóra—os golpes das sabradas, as chagas abertas.

Estamos sobre o lagedo em monte.

Vem um frio—que friol!—do fundo negro do calabouço. E este homem que tosse ao pé mim, escarrando sangue, e aquele que tem os filhos em casa cheios de fome e o que arde em febre, o que estremece de dor, o que espuma odio... Só aqui somos já mais de quatrocentos republicanos.

A choldra! A choldra!

NÓBREGA QUINTAL.



## REVISTA... da Semana

Por BATISTA DINIZ

CARTAZ

TEATRO DA POLITICA

HOJE

HOJE

ESPECTAGULO CARNAVALESCO

com a representação da festejada  
revista

O PAIZ É MEU!...

3.º Quadro

Em pleno carnaval...

Ao subir o pano estão em scena varios populares, o Reporter Z e policia sinaleiro. A acção decorre na Praça dos Restauradores, junto ao local onde está afixado o Edital regulador dos festejos de entrudo.

REPORTER Z

*(Tocando uma buzina)* Pode-se passar?

SINALEIRO

*(Com um movimento de «casse-tete»)* Páre lá! Você não sabe que para tomar parte no côrolo tem de pagar?

REPORTER Z

Desculpe, sr. guarda, mas eu tenho bilhete de peão.

SINALEIRO

*(Apontando a pistola)* Ah! você é pião? Então espere que eu já lhe vou dar gaital...

REPORTER Z

*(Assustado)* Mas eu sou dos jornais e...

SINALEIRO

*(Conformado)* Se é dos jornais isso intão é outro cantar! Escusava era de trazer a gaita... *(Aponta-lhe a buzina)*

REPORTER Z

Isto é um trucl...

SINALEIRO

Pois se é um truca, siga lá e não me retruque... Você não conhece o Edital?

REPORTER Z

Eu não sou guarda!

SINALEIRO

*(Apontando-lhe o papel colado na parede)* Leia!

REPORTER Z

*(Lendo)* Edital. Eu, etc. Barbosa, etc. faço saber que só são permitidos os folguedos sensaborões, etc., etc.

SINALEIRO

Óra aí tem! e agora afaste-se que vai passar o cortejo carnavalesco!

*(Grande cortejo. Arantos, passavantes, charameleiros e todo o demais luzido séquito do rei folião.)*

CRONISTA

*(Passando a cambalar e sobraçando um barril de vinho)* Adeus ó Zalak! Não me conheces?

REPORTER Z

Éna pai, que grande tachada...

CRONISTA

*(Cambaleando sempre)* Tu também és da Choldra? Aquilo cheira a fantochada de feiral...

REPORTER Z

Nem todos podem ter a tua capacidade!... Tu bebes-lhe bem...

CRONISTA

Pois sim, mas eu sou o cronista mór dos bonzos, desde que se foi embora o Custodiol... *(Cai aos pés de Reporter Z)*

REPORTER Z

Ó Zézinho, isso não vale...

CRONISTA

Vale, vale... Queres tu ir beber dois ao Bento ou á C. T.?...

SINALEIRO

*(Ao Cronista)* Siga lá com a charanga! Se não vieses com o patrão pregava-te com o costado nos Pequenos Delitos...

CRONISTA

*(Saindo)* E eu, como ando sempre tocado, fazia-te um toque...de Rebate...

*(Passa o Governador com os esbirros da P. S. E., levando sobre uma almofada um enorme molho de chaves)*

REPORTER Z

Isso são as chaves da cidade?

GOVERNADOR

Não! São as dos calabouços onde tenciono meter todos os republicanos... *(Sai)*



## A CHOLDRA

REPORTER Z

Livra! E depois dizem que eu é que sou maluco...

SINALEIRO

(Ouvindo tocar a sentido) Esteja calado e quieto! Vem aí nosso senhor...

REPORTER Z

Mas isto é alguma procissão?

SINALEIRO

(Dando sinal de passagem) Cale-se, já lhe disse! E' o nosso comandante!

MENTIRA DA FLANDRES

(Entrando furioso) Onde está o Rodrigues?

SINALEIRO

(Perfilando-se) Não sei, meu comandante! Creio que foi à praia...

MENTIRA DA FLANDRES

Mas eu já lhe receitei áres de campo... (Encdra furiosamente a multidao)

REPORTER Z

(Ao sinaleiro) O que quer dizer isto do campo e da praia?

SINALEIRO

(Confidencial) Isto é a senha! Eu disse-lhe que o nosso 2.º tinha ido à praia, que é como quem diz: ir ter com o chefe Nazaré. Nazaré é uma praia...

REPORTER Z

E os áres de campo?

SINALEIRO

(Como acima) Isso quer dizer que ele o tinha mandado falar com o chefe Sintra. Sintra é campo...

MENTIRA DA FLANDRES

(Escutando) Pareceu-me ouvir o rugido do leão (outro tom) Mas eu não trago capacete...

SINALEIRO

Trago eu... e não tenho medo!...

MENTIRA DA FLANDRES

(Ao sinaleiro) Tu és um teso... E's cá dos meus... (Num calafrio e quasi confidencial) Vê se toscas aí algum legionario... (Sai desconfiado)

REPORTER Z

(Olhando á direita) Aí vem a dança da luta!...

(Entram os componentes da dança da Bica vestidos de «maillot»)

LUTADOR GINESTAL

Ó Pita, apita!

LUTADOR PITA

E' para já, sr. leader! (Aos seus toques de apito as homens da dança executam varios grupos em que o Lutador Leal faz sempre de base)

LUTADOR GINESTAL

Agora vamos ás maçãs!

LUTADOR LEAL

(Empurrando brutalmente os companheiros) Isso de massas é comigo... Não ba nenhuma que me cheguem...

LUTADOR PITA

(Apitando) Siga a dança (Saem)

SINALEIRO

Agora é a cégada dos bonzos, da Travessa da Agua Flor...

(Entra a cégada, com os indispensaveis guitarristas trajando dominós, e exibindo as enormes bigodeiras. Não trazem mascara, em cumprimento do Edital...)

ANTONIO MARIA (vestido de policia)

(Apitando) Vamos a isto ó gajáda!

AGATON LANXA (vestido de galego)

Bai agora aquela á historia do 14 de Maio, a outra ás serras da Beira, ou aquela á mirtologia?

ANTONIO MARIA

Cala-te e vai tomar conta do Banco! Depois faço-te outra vez heroi...

VIRIATA-(A LOBA) (vestida de meretriz)

Segue no mole da ordem publica!...

TODOS (cantando)

Na presença da justiça, {  
Vou falar com arreganho.} bis

ANTONIO MARIA

E eu ponho-os fóra da liça,  
Mando-os todos p'ró Catanho.

AGATON LANXA

Eu cá xá fui mareante...

VIRIATA-(A LOBA)

Cale-se aí seu grumele

LAGO CERQUEIRA (vestido de pinoca)

Fá-los falar mais que sete  
O meu vinho d'Amarante...

ANTONIO MARIA

Isto não vai por diante  
E eu ponho-os fora da liça



## NO MUNDO DESPORTIVO

Nem só o público é roubado...  
Alguns clubs também são...

O prometido é devido, e nós não somos daqueles que iniciamos uma campanha de moralidade e a não levamos até ao fim, custe o que custar.

Sabemos bem, pois que privamos com pessoas conhecedoras de tudo que se passa no meio desportivo, que a nossa primeira crónica causou engulhos, e não poucos foram aqueles que procuraram saber quem era o indivíduo que se prontificava a desvendar as roubalheiras praticadas sob o rótulo de *desenvolvimento físico*, que os falsos desportistas veem praticando há tempos para cá, sem que ninguém tenha tido coragem de os desmascarar.

Cabe à «Choldra» essa missão e nada a fará desviar do caminho traçado.

Referimo-nos no último número aos «desvios» constatados no organismo máximo do jogo da bola, a U. P. F.

Do roubo, sejamos claros nas nossas afirmações, praticado pelo sr. Antonio Veloso, delegado da Associação Foot-Ball do Porto, que anda por uns 32 contos, fóra mais uns pequenos «desvios» nos dinheiros da Associação de que era delegado, não merece a pena falar mais...

O público já o sabe. Os seus colegas de direcção também. Portanto, esperemos mais uns tempos a ver o que eles fazem, para «sacudir a água do capote».

Porque a solução é única.

Ou entram com a quantia roubada ou entregam o caso à polícia.

Não ha outra solução. A não ser que o ladião do Veloso seja o delegado de outros Velosos... facto que, estamos plenamente convencidos, não é verdadeiro.

\* \* \*

Como dizíamos há dias, os assuntos são tantos que não é por estes meses mais próximos que eles se nos esgotam. Antes pelo contrario. De dia para dia as traquibernias praticadas pelos falsos dirigentes vão-se verificando de tal maneira, que nos veremos obrigados a dar ao publico «as ultimas», sem piada a um nosso colega que exerce actualmente o cargo de secretario do «Raminho de oliveira...»

Como toda a gente sabe, são os clubs, por intermedio dos seus dirigentes, que se encarregam da organização dos jogos do campeonato.

Efectuados estes, os clubs organizadores remetem para a Associação todos os documentos de despeza e receita, de molde a se poder verificar qual a percentagem que cabe a cada clube que tomou parte no desafio.

Ainda não ha muito tempo realizou-se um desafio entre um clube constituído por antigos educandos de

uma casa de educação existente em Belem, e outro que tem o seu campo de jogo para os lados das Amoreiras, a sede principal em Bemfica, e uma sucursal, aqui ao lado da nossa redacção, no Calhariz.

Não é preciso pôr mais na carta...

Branco é, galinha o põe...

Pois um desses clubs, que tem um delegado que não é «trouxa», ao ir à Associação para receber a percentagem que lhe pertencia, viu que a quantia que lhe queriam entregar não podia estar certa. Ali havia engano...

Reclamou e pediu para verificar os documentos das despesas efectuadas pelo clube organizador, o que tem o campo nas Amoreiras.

E com espanto viu que em um dos documentos estava uma despeza que não podia existir de forma alguma.

Tendo o clube organizador pago o imposto de selo para toda a epoca, fazia as contas metendo em cada bilhete vendido o imposto do selo correspondente, o que elevava as despesas.

Existiam ainda uns outros documentos em que as verbas dispendidas não estavam discriminadas.

O clube lesado reclamou e foi oficiado a esse clube para enviar à Associação todos os documentos comprovativos das despesas efectuadas e caso não existissem todos, os duplicados das contas já satisfeitas.

Este caso bastante interessante, pois que denota que a «doença» que atacou alguns dirigentes da União, contaminou alguns dos dirigentes dos clubs, passou-se ha uns dois meses, mais dia, menos dia.

Até hoje, segundo nos consta, ainda o clube lesado, o Casa Pia, não recebeu os 3 contos, que é a quantia em que se encontrava desfalcado, nem à Associação foram enviados os documentos pedidos.

O que haverá? Não o sabemos, mas tudo indica que existe um «desvio».

\* \* \*

Na nossa crónica seguinte vamos desmascarar um individuo que, exercendo funções redactoriais num importante jornal da noite, pratica e tem efectuado tantas «malandrices» que é digno de enfileirar no lado daqueles dos dirigentes que se tem «governado» e se «governam».

Factos edficantes desse fulso apostolo do *Desporto* que nós conheciamos e outros que nos foram revelados por criaturas que o conhecem de sobejo, serão devedados aos nossos leitores.

«ANIBAL TORRES».

VIRIATA-(A LOBA)

Se esse gajo a gente enguica  
Em auxilio eu logo venho

AGATON LANXA

Mando-os todos p'ró Catanho

ANTONIO MARIA

(Admirado Na presença da justiça...  
(Apitando) Trrr!

LAGO CERQUEIRA (declamando)

É rapaziada, dão alguma coisa para isto? A cégada não pode ficar a perder...

REPORTER Z

Outro officio, meu velho! Siga a cégada! ..

MUTAÇÃO

(O seguimento é na 4.ª feira de cinzas, nas horas..)



# COMO NO TEMPO DE SIDONIO!?

Anunciam os jornais estar-se preparando uma expedição militar a Angola na qual serão encorporadas tropas de varias unidades. Informações que até nós chegam, disem tratar-se de um pretexto para *deportar para Angola os soldados que se revoltaram em Vendas Novas!*

Como no tempo de Sidonio Pais, como se fez para os heroicos marinheiros republicanos, prepara-se a *leva!*

Daqui, a serem verdadeiras as nossas informações, protestamos indignada e revol'adamente.

Aos republicanos sinceros bradamos o nosso *Alerta!*

Contra tal violencia só a violencia será sufficiente resposta!

A CHOLDRA

## PARA OS 5:000!

A **Choldra** veiu à publicidade para dar batalha sem tréguas à reacção conservadora.

A **Choldra**, porém, precisa de apoiar-se na massa popular, como um exercito aguerrido se apoia na mais forte posição estrategica. *E só a massa popular pode garantir a victoria à Choldra*, elevando a tiragem **para os 5.000!**

Que cada cidade seja uma fortaleza da **Choldra!**

Lisboa é a mais forte posição da **Choldra**. O Porto garante o movimento de exemplares *menos 800* que Lisboa. Que o Porto, o berço da Revolução, cubra a diferença: o Porto é tão republicano como Lisboa!

Contudo, Evora vende menos 1.000 exemplares. Porquê, se *Evora é das cidades mais liberais de Portugal?* Que os evorenses cubram o milhar!

Coimbra vende tanto como Evora, mas se quer ser a segunda cidade do país, porque não venderá mais que Evora, embora menos que o Porto?

*E' necessario que todas as cidades de Portugal façam tremer Lisboa!*

**Choldra:**

## VAMOS PARA OS 5:000!

### CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Mensal 4\$00 esc. — Trimestral 12\$00 esc. — Semestral 24\$00 esc. — Anual 48\$00 esc.  
Pagamento rigorosamente adiantado. Sendo a cobrança feita pelo correio, acresce a respectiva despeza. — O leitor que angariar 6 assinaturas trimestrais terá direito a receber gratuitamente **A Choldra** durante o praso de um semestre.